

31 MAIO 1 JUNHO

GNR

31 MAIO 1 JUNHO

31 MAIO 1 JUNHO

TEATRO

RIVOLI

nº 279 D-EPH/AZ
279



CONCERTOS G N R 88

Rui Reininho — Voz; **Toli César Machado** —
Bateria; **Jorge Romão** — Baixo; **Zézé Garcia**
— Guitarras; **Manuel Ribeiro** — Teclados
Coros — **Isabel Ventura** — **Marité**
Metais — **Carlos Martins (Cainha)** — **To-
más Pimentel** — **Klaus Nymark** — Téc. Som
— **José António Oliveira** — Téc. Luz — **Pe-
dro Leston** — Téc. Palco — **Orlando Freitas**
— Direcção de Palco — **Jorge Silva** — Som e
Luz — **Musissom** — Sponsoring e Promoção —
Regiespectáculo — Design Gráfico — **Fátima
Rolo Duarte** — Produção — **Jorge Silva**

Patrocínio Exclusivo: LOIS

Apoios: HOTEL CASTOR, BIMOTOR, RIVOLI,
CAIUS MUSIC, BLITZ, RÁDIO COMERCIAL,
EMI/VC, AG. VIAGENS JUMBO

Agradecimentos: EMI/VC, ANTÓNIO MIGUEL
GUIMARÃES, MAFALDA FEVEIREIRO

Quando acabou o último "encore" do concerto com que os **G.N.R.** garantiram o regresso da modernidade ao Coliseu dos Recreios de Lisboa — a 24 de Abril do ano passado — eram várias as expectativas que uma noite de palco, brilhante e de contágio, tinha conseguido confirmar. Provava-se, com a sala cheia e, mais do que isso, disposta a cantar e a dançar em resposta às "provocações" de Rui Reininho e ao balanço que Toli César Machado, Jorge Romão e Zézé iam mantendo intenso, que o público tinha feito as pazes com o "pop" de Portugal e que "redescobrira", enfim, o prazer e a necessidade de seguir de perto a "aventura" de uma geração de músicos que parecia (outra vez) condenada ao silêncio, tantos os atropelos e os desvarios comerciais, promocionais, cometidos em seu nome.

A esta "reconciliação", de que 1987 e as suas edições foram testemunhos claros, não era alheio o "instinto de sobrevivência" dos próprios **G.N.R.**, regulares no ritmo ds suas edições, brilhantes na forma comco souberam manter um nível acima de todas as médias habituais entre nós, teimosos na sua atitude de fazer dos concertos verdadeiros espectáculos, abrindo lugar ao improvisado e ao "diálogo". Depois da edição dos singles "Portugal Na C.E.E." e "Sê Um G.N.R.", foi com o álbum "Independança" que os G.N.R. provaram a singularidade de um projecto que — passe a expressão e fique a ideia — tem, desde essa altura, "nível internacional". Foi desde essa época que o grupo habituou ao rigor e à criatividade dos seus instrumentistas-criadores, potenciada pela presença do grande "performer" da música moderna nacional — Rui Reininho. Por isso se estranhou — e lamentou — que tanto esse LP (que resiste e que continua a dar pistas de trabalho a muita gente) como os discos que se lhe seguiram não tivessem atingido o reconhecimento que, sem dúvida alguma, já justificavam.

Foram anos demais, canções demais até se aceitar que os G.N.R. eram essenciais no quadro musical português e forneciam, a cada passo, momentos antológicos — agora é mais fácil recordar "TV Mural", "Pershingópolis", "Piloto Automático", "Dunas" e "Sete Naves" como momentos a reter; na altura, ao

longo de mais de meia década, terá sido frustrante para os músicos a sistemática redução do seu valor, sem causa nem justiça.

"Psicopátria", disco lançado no final de 1986, veio alterar tudo isto: havia humor e angústia, ritmo e melodia que valia a pena saber de cor e acompanhar de perto. Ainda por cima, em palco, os **G.N.R.** não abdicavam de uma sistemática transformação das canções, mostrando outra das facetas fundamentais da música "pop": a capacidade de se reescrever, de se gozar, de se ilimitar.

Os tempos difíceis não tinham, no entanto, desaparecido de vez — a saída de Alexandre Soares, guitarrista e co-fundador do grupo, vinha recolocar uma série de interrogações quanto aos caminhos imediatos do conjunto. Mais uma vez, os **G.N.R.** souberam ultrapassar a questão, tal como tinha acontecido muito tempo antes, quando Vítor Rua, outro músico influente no processo criativo da banda, também tinha partido — o maxi de "Video Maria" mostrava que os **G.N.R.** iam resistir ainda, sabiam adaptar-se a mais uma situação adversa.

Aliás, a canção recuperava — em jeito de síntese — todos os ingredientes que a banda tinha usado para construir a sua diferença: bom gosto, cadência, inteligência... e polémica. Rui Reininho, autor da letra era de novo o grande visado pelas censuras. Mas a canção impôs-se e foi juntar-se aos temas de eleição que os **G.N.R.** colecionam, conseguindo ainda uma muito razoável "exposição" para os outros dois temas do disco, "Homens Temporariamente Sós" e "USA".

1988 verá publicado o novo LP do grupo. Antes disso, Reininho, Machado, Romão e Zézé — regressado ao elenco depois de uma substituição temporária por Hermínio Tavares — continuam a mostrar a sua força de palco, trocando a disciplina pelo brilhantismo e juntando a subtileza de cada pormenor à força do conjunto. Do resultado dos concertos há tudo a esperar, especialmente aquilo que distingue um conjunto mediano de uma banda de alcance pleno — surpresa, eficácia, gozo e entrega. Enquanto os **G.N.R.** puderem "distribuir" tudo isto, sem que o equilíbrio destes elementos seja constante ou decisivo, a sua saga vai continuar. Ainda bem.



AGORA A CIDADDE É LOIS.



Lois
TRU BLUE





Em 1980 ouve-se falar pela primeira vez de um certo Grupo Novo Rock, aliás, G.N.R., um trio do Porto formado por Alexandre Soares, Vitor Rua e Toli —respectivamente guitarra/voz, guitarra/baixo e bateria. O primeiro disco (45 rpm) surge algures em 1981 — "Portugal Na C.E.E." (ainda se lembram?...). Lá mais para o final desse ano, reforçados (fugazmente...) por Miguel Megre, sai outro single, "Sê Um GNR".

É mais ou menos por essa altura que Rui Reininho entra para o grupo e, em 82, sai o primeiro LP — "Independança", do qual é extraído o single "Hardcore (1.º escalão)". Vitor Rua abandona e, reduzidos a trio, gravam o máxi "Twistarte" com três inéditos.

Jorge Romão entra para o baixo e, de novo a quatro, os G.N.R. fazem sair o segundo LP "Defeitos Especiais", no Verão de 84. O grupo começa a ser requisitado para apresentações ao vivo em Espanha e, em 1985, é lançado o LP "Os Homens Não Se Querem Bonitos", que incluía Apartheid Hotel (com a participação especial de Anabela dos Mler lfe Dada) — um tema que empolgara particularmente o público espanhol.

No Natal de 86, uma canção chamada Efectivamente puxa os GNR para a "linha da frente" do pop português e dá o disco de prata ao LP "Psicopátria", apresentado ao vivo no Voxmania em Novembro desse ano.

Mai de 1987 — A consagração com o espectáculo esgotado no Coliseu, com Alexandre Soares a abandonar na véspera do concerto, e o grupo a sobreviver para gravar um novo máxi de inéditos — Video-Maria, Homens Temporariamente Sós e USA a caminho do TOP.

A história continua...



"GNR a nova idade da novidade"

"Sete"

"A data de 24 de Abril de 1987, o Coliseu dos Recreios, cheio, entusiasmado como poucas vezes se tem visto, capaz — mais uma vez... — de servir de cenário a um acontecimento, e um grupo chamado GNR são dados fundamentais, inesquecíveis e, até ver, inultrapassados".

"Sete"

"...todo o Coliseu rendido — aquela que é porventura a banda mais popular da cena actual do nosso país".

"O Século"

"Os mais modernos músicos portugueses tinham, finalmente, tido a sua festa, a sua vingança, a sua hora (...).

"Sete"

"GNR furor na cidade invicta".

"Éxito"

"Um espectáculo divertido, mas sobretudo profissional, foi o que deram ontem o GNR. A banda soube mostrar que tem consciência do que é um espectáculo ao vivo: um espaço de tempo onde se interpreta canções conhecidas do público, mas dando-lhe a sensação de que estão a ouvir algo novo, com espaço para a improvisação, para a encenação".

"Diário de Lisboa"

"Os GNR souberam provar (...) que não fizeram "só" um bom álbum (...) mas que mais do que isso são uma excelente banda ao vivo".

"Diário de Lisboa"

"Nova carga do GNR (...) e segundo consta as investidas do GNR não vão ficar por aqui...".

"Jornal do Fundão"

